



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

**Turismo Cultural na Rocinha: Impactos Locais e
Caminhos para Práticas Mais Colaborativas**

Thiago Pereira de Souza

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
Graduação em Administração de Empresas**

Rio de Janeiro, novembro de 2025.



Thiago Pereira de Souza

**Turismo Cultural na Rocinha: Impactos Locais e Caminhos para Práticas
Mais Colaborativas**

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de graduação em Administração da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Alessandra Baiocchi Antunes Corrêa

Rio de Janeiro
novembro de 2025.

“Muita gente pequena, em lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, pode mudar o mundo.”

(Eduardo Galeano)

Agradecimentos

A Deus, por me conceder sabedoria, força e discernimento em cada etapa desta caminhada, iluminando meus caminhos mesmo nos momentos de incerteza e me guiando até a conclusão desta jornada.

À minha mãe e à minha irmã, pelo amor incondicional, pelo apoio em todos os momentos e por acreditarem no meu potencial mesmo quando as circunstâncias pareciam desafiadoras.

À minha esposa, por sua paciência, compreensão e companheirismo durante todo o processo. À minha filha, fonte inesgotável de amor e inspiração, que me motiva diariamente a ser um exemplo de dedicação e superação.

Um agradecimento muito especial à minha orientadora, cuja orientação, confiança e incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sua dedicação, sensibilidade e comprometimento acadêmico foram essenciais para que este projeto se tornasse possível.

Aos colegas de faculdade, que compartilharam comigo aprendizados, risadas, dificuldades e conquistas ao longo dessa trajetória.

E, finalmente, a todos que, de alguma forma, contribuíram, torceram ou me incentivaram a iniciar e concluir esta etapa tão importante da minha vida. A cada um de vocês, minha sincera gratidão.

Resumo

Souza, Thiago Pereira. Turismo cultural na Rocinha: impactos locais e caminhos para práticas mais colaborativas. Rio de Janeiro, 2025. 40p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho analisa como o turismo impacta a economia e a dinâmica social da Rocinha, maior favela do Brasil, situada na Zona Sul do Rio de Janeiro. A pesquisa, de caráter qualitativo, baseou-se em entrevistas com moradores e guias locais, buscando compreender suas percepções sobre os efeitos econômicos, sociais e culturais da atividade turística. O estudo adota um olhar interno, privilegiando a voz dos residentes e seu papel na construção de um turismo mais inclusivo. Observou-se que o turismo tem contribuído para a geração de renda e o fortalecimento da identidade local, embora ainda existam desafios relacionados à gestão, à participação comunitária e à valorização cultural. Os resultados indicam o potencial do turismo cultural como ferramenta de desenvolvimento sustentável e de transformação social, especialmente quando orientado por práticas colaborativas, éticas e contextualizadas.

Palavras-chave:

Turismo Cultural; Desenvolvimento Local; Favela; Rocinha.

Abstract

Souza, Thiago Pereira. Cultural Tourism in Rocinha: Local Impacts and Pathways to More Collaborative Practices. Rio de Janeiro, 2025. 40p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study analyzes how tourism impacts the economy and social dynamics of Rocinha, the largest favela in Brazil, located in the South Zone of Rio de Janeiro. The qualitative research was based on interviews with local residents and tour guides, aiming to understand their perceptions of the economic, social, and cultural effects of tourism activities. The study adopts an internal perspective, emphasizing the voices of residents and their role in building a more inclusive form of tourism. Findings suggest that tourism has contributed to income generation and the strengthening of local identity, although challenges related to management, community participation, and cultural appreciation remain. The results highlight the potential of cultural tourism as a tool for sustainable development and social transformation, especially when guided by collaborative, ethical, and context-sensitive practices.

Key-words

Cultural Tourism; Local Development; Favela; Rocinha.

Sumário

1 Introdução	1
2 Contexto e realidade investigada	3
2.1. Turismo cultural nas favelas	3
2.2. A Rocinha e o turismo cultural	6
3 Passos metodológicos	11
3.1. Tipo de pesquisa e coleta de dados	11
3.2. Seleção dos entrevistados	11
3.3 Procedimentos e instrumentos de tratamento e coleta de dados	13
3.4. Limitações do Estudo	14
3.5. Ferramentas Digitais e de Inteligência Artificial Aplicadas à Pesquisa	15
4 Análise dos resultados	16
4.1. A perspectiva dos guias	16
4.1.1. Formação e Profissionalização	16
4.1.2. Impacto Econômico	17
4.1.3. A Construção do Roteiro e da Experiência Turística	18
4.2. Perspectiva dos Moradores	20
4.2.1. Impactos Econômicos e Sociais no Dia a Dia	20
4.2.2. O "Olhar do Turista": Respeito, Privacidade e o "Tourist Gaze"	21
4.2.3. Autenticidade Cultural vs. Espetáculo da Pobreza	22
5 Conclusões e contribuições do estudo	24
5.1. Recomendações para práticas mais colaborativas	25
5.2. Recomendações para Estudos Futuros	26
6 Referências	28
7. Apêndice	31

1 Introdução

A favela da Rocinha, situada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, é reconhecida como a maior do Brasil em termos populacionais, superando milhares de municípios em número de habitantes. Com mais de 72 mil moradores e cerca de 30 mil domicílios, essa comunidade constitui um território de intensa complexidade urbana, social e cultural (ANF, 2023). Mais do que um conjunto de residências, a Rocinha representa um ecossistema vivo, caracterizado pela diversidade, pela resistência e pela criatividade de seus moradores. Nesse contexto, destaca-se não apenas por sua extensão e densidade populacional, mas também por sua força cultural e econômica. Ao longo dos anos, tornou-se símbolo das contradições brasileiras: marginalizada por parte da sociedade e do poder público, mas, ao mesmo tempo, protagonista de uma cultura autêntica e resiliente.

O turismo cultural na Rocinha tem ganhado destaque como uma atividade de relevância crescente, capaz de gerar oportunidades de renda e promover o reconhecimento da identidade local. Estima-se que entre dois e três mil turistas visitem a comunidade mensalmente, atraídos por suas paisagens, manifestações culturais e pela curiosidade de conhecer uma realidade marcada tanto pela vulnerabilidade quanto pela potência criativa (ANF, 2023). Esse movimento, no entanto, nem sempre é acompanhado por uma estrutura de planejamento adequada, o que levanta questionamentos sobre quem realmente se beneficia dessa atividade e de que maneira o turismo influencia a dinâmica social e econômica local.

O crescente interesse por formas de turismo mais éticas e sustentáveis tem impulsionado o turismo cultural em favelas como a Rocinha, com foco na valorização de práticas locais, saberes e tradições. Embora algumas iniciativas sinalizem caminhos de maior protagonismo comunitário, como o aplicativo *Na Favela Turismo*, ainda há desafios para consolidar modelos baseados em justiça social e participação ativa dos moradores. A cultura local, muitas vezes tratada de maneira superficial, ainda não ocupa o espaço que merece dentro das práticas

turísticas. Faltam atividades que promovam uma interação genuína entre turistas e moradores, permitindo aos visitantes compreenderem a Rocinha para além da sua imagem estigmatizada.

Diante desse cenário, a presente pesquisa busca responder à seguinte pergunta: **Como o turismo cultural impacta a economia e a dinâmica social da Rocinha?** A partir dessa questão, o trabalho se propõe a analisar as opiniões de moradores e guias locais sobre as transformações econômicas e sociais decorrentes do turismo, identificando seus benefícios, desafios e possíveis caminhos para um modelo mais participativo e sustentável.

A delimitação temporal e espacial do estudo corresponde ao ano de 2025 e à comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro. O recorte considera um cenário pós-pandemia, marcado por mudanças nas motivações de viagem e maior interesse por experiências autênticas e sustentáveis. O olhar adotado parte da vivência cotidiana dos próprios moradores e guias locais, com o objetivo de compreender o turismo a partir de quem o realiza, vivencia e é diretamente impactado por ele.

A relevância deste estudo está na possibilidade de contribuir, de forma prática, para o fortalecimento do protagonismo comunitário e para o desenvolvimento de propostas aplicáveis ao contexto da Rocinha. Com base em experiências locais e em soluções já em curso, busca-se sugerir práticas turísticas mais justas, seguras e colaborativas, capazes de ampliar oportunidades econômicas e valorizar o território.

2 Contexto e realidade investigada

2.1.Turismo cultural nas favelas

Dentro do vasto campo do turismo, o turismo cultural emerge como um segmento de especial relevância para o contexto da Rocinha. Santos (2001) enfatiza que o turismo cultural vai além da simples visita a monumentos históricos ou museus. Ele o define como uma prática que promove uma reflexão profunda sobre o patrimônio e a identidade de um local e de seus habitantes.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (IPHAN, s.d.).

Santos (2001), reforça ainda que, o patrimônio cultural não se restringe ao tangível, mas abrange também as manifestações imateriais, como as tradições, os costumes, a gastronomia, a música e as narrativas orais.

A emergência da favela como espaço turístico é um fenômeno relativamente recente e que demanda uma análise cuidadosa. Freire-Medeiros (2009), oferece um panorama aprofundado sobre essa dinâmica. A autora não apenas descreve a visitação de estrangeiros a essas comunidades, mas também explora como a favela é “produzida” para o consumo turístico, as rotas e fluxos de “circulação” dos visitantes e as formas de “consumo” da experiência turística. Essa abordagem crítica é fundamental para compreender a favela como um destino turístico. A “produção” da favela para o turismo pode envolver a criação de narrativas específicas, a seleção de pontos de visitação e a organização de atividades que ressaltem certos aspectos da vida comunitária. A “circulação” diz respeito aos caminhos percorridos, aos encontros com moradores e às interações que se estabelecem. Já o “consumo” abrange não apenas a compra de produtos ou

serviços, mas também a apreensão de valores, a formação de percepções e a construção de memórias por parte do turista. A obra de Freire-Medeiros (2009) serve como um alerta para a necessidade de um turismo que seja ético, respeitoso e que não reforce estereótipos ou explore a vulnerabilidade social.

Para que o turismo cultural nas favelas seja verdadeiramente integrador e respeitoso, é imprescindível que se baseie em uma compreensão sólida do conceito de cultura. Laraia (2001), cultura não é algo estático ou elitista, mas sim um sistema de símbolos e significados construídos socialmente, que molda a maneira como os indivíduos pensam, agem e interagem com o mundo. Essa definição é crucial para a favela, pois sua cultura não se restringe a manifestações artísticas formais, mas se manifesta no cotidiano dos seus moradores, nas suas festas, na sua culinária, nas suas redes de solidariedade, na sua linguagem e até mesmo na sua arquitetura espontânea. A cultura, sob a ótica antropológica, é aprendida, compartilhada e dinâmica, estando em constante transformação. Isso significa que o turismo cultural nas favelas deve reconhecer essa dinâmica, evitando a fossilização de práticas ou a reprodução de visões cristalizadas. A obra de Laraia (2001) permite ir além de uma visão superficial da cultura, incentivando a busca por uma compreensão profunda das lógicas internas da comunidade, de seus valores e de suas formas de organização social. Um turismo que se aproprie dessa perspectiva antropológica tem maiores chances de ser autêntico, enriquecedor para o visitante e, acima de tudo, benéfico para a comunidade local, pois valoriza o que ela verdadeiramente é.

A promoção e gestão do turismo cultural na favela também requerem a aplicação de princípios de marketing de hospitalidade e turismo, embora com adaptações significativas para as especificidades do local. Morrison (2012), apresenta conceitos e estratégias para a promoção de destinos e a gestão da experiência do cliente. Embora o livro trate de um contexto mais abrangente do setor, seus princípios podem ser transpostos para o caso da favela. Isso inclui a importância da segmentação de mercado, do desenvolvimento de produtos turísticos que atendam às expectativas dos visitantes, da comunicação eficaz e da gestão da qualidade dos serviços. Para a favela, o marketing não se resume a técnicas de publicidade, mas deve ser um processo que envolve a comunidade local na construção da imagem do destino, na definição dos produtos a serem

ofertados e na garantia de que a experiência do turista seja autêntica e respeitosa. Isso implica em um marketing que vá além da simples promoção, atuando na construção de relacionamentos duradouros com os visitantes e com a própria comunidade. A hospitalidade, um conceito central em Morrison (2012), adquire um significado particular na favela, onde a recepção calorosa e a partilha do cotidiano podem ser elementos diferenciadores da experiência turística. O desafio é aplicar essas estratégias de forma que o turismo seja percebido como um benefício, e não como uma intrusão.

A integração do turismo cultural na favela, embora promissora, não é isenta de desafios. Um dos principais é o risco da espetacularização e da comodificação da cultura local, onde a autenticidade pode ser sacrificada em nome do apelo turístico. Conforme alertado por Freire-Medeiros (2009), a “produção” da favela para o turismo pode levar a uma encenação da realidade, em vez de uma vivência genuína. Outro desafio reside na distribuição equitativa dos benefícios gerados pelo turismo. É fundamental que os recursos sejam direcionados para a comunidade, promovendo o desenvolvimento local e não apenas o lucro de poucos. A infraestrutura e a segurança também são pontos que demandam atenção constante, visando garantir a qualidade da experiência do turista e a tranquilidade dos moradores. No entanto, as oportunidades são igualmente significativas. O turismo cultural pode ser um poderoso agente de valorização cultural, dando visibilidade às manifestações artísticas e culturais da comunidade. Pode também gerar renda e emprego, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos moradores. Além disso, a interação entre turistas e moradores pode promover a quebra de preconceitos e estereótipos, construindo pontes entre diferentes realidades e fomentando o diálogo intercultural. A perspectiva de Santos (2001) sobre a reflexão acerca do patrimônio e da identidade é crucial aqui, pois o turismo cultural pode fortalecer a autoestima da comunidade e o reconhecimento de sua própria riqueza cultural.

Para que essa integração seja duradoura e benéfica, a sustentabilidade deve ser um pilar central. A sustentabilidade no turismo não se limita à dimensão ambiental, mas engloba também os aspectos sociais, culturais e econômicos. Isso significa que as atividades turísticas devem ser planejadas e gerenciadas de forma a minimizar impactos negativos e maximizar os positivos, garantindo a

preservação dos recursos para as futuras gerações. No contexto da favela, a sustentabilidade social implica na participação ativa da comunidade no planejamento e na gestão do turismo, assegurando que suas necessidades e aspirações sejam consideradas. A sustentabilidade cultural envolve o respeito às tradições, costumes e modos de vida locais, evitando a descaracterização cultural. Economicamente, a sustentabilidade busca garantir que os benefícios financeiros sejam distribuídos de forma justa e que o turismo contribua para a diversificação econômica da comunidade. A busca pela sustentabilidade deve permear todas as etapas do processo, desde a concepção dos produtos turísticos até a avaliação de seus impactos, promovendo a conscientização tanto dos visitantes quanto dos moradores sobre a importância da preservação cultural e ambiental.

Por fim, a dimensão ética é inseparável da integração do turismo cultural na favela. A visitação a comunidades exige um compromisso com a responsabilidade social e o respeito mútuo. Os turistas devem ser incentivados a adotar uma postura de aprendizagem e de abertura cultural, evitando o “turismo de curiosidade” que pode beirar o *voyeurismo*. Para os empreendedores e operadores turísticos, a ética implica em garantir a transparência nas relações, o retorno justo para a comunidade e a priorização do bem-estar dos moradores. Freire-Medeiros (2009) ressalta a importância de entender a “produção, circulação e consumo” da favela turística de uma forma que não explore a realidade social, mas que promova uma troca genuína. A responsabilidade social também se manifesta na forma como a narrativa da favela é construída e apresentada. É importante evitar a reprodução de estereótipos negativos e, em vez disso, destacar a resiliência, a criatividade e a riqueza cultural da comunidade. As iniciativas devem visar a um turismo que fortaleça os laços de solidariedade e que contribua para a construção de uma imagem mais justa e digna da favela.

2.2. A Rocinha e o turismo cultural

A Rocinha é uma comunidade localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, reconhecida não apenas por sua grandeza territorial, mas também por ser a favela mais populosa do Brasil segundo o Censo Demográfico 2022 (IBGE, 2022). Atualmente possui cerca de 72 mil habitantes, embora estimativas informais

apontem números ainda maiores. Situada entre bairros de alto padrão como Gávea e São Conrado (Figura 1), destaca-se pelo contraste urbano e por estar inserida em uma encosta de morro bastante baixa, o que influencia fortemente sua paisagem e estrutura urbana.



Figura 1: Rocinha (em vermelho) e bairros do entorno

Fonte: (BENINI, s.d., online)

A história da Rocinha tem origem no início do século XX, quando o local era uma grande fazenda conhecida como “roça”, termo que teria inspirado o nome da comunidade. O crescimento populacional acelerou principalmente a partir dos anos 1950 (Figura 2), com a chegada de migrantes nordestinos em busca de trabalho na cidade, resultando em um processo de ocupação informal e urbanização desordenada. Desde então, a Rocinha tem sido marcada pela luta dos moradores pelas melhores condições de moradia e acesso aos direitos básicos, tornando-se símbolo da força comunitária e da diversidade socioeconômica carioca.



Figura 2: Favela da Rocinha anos 60

Fonte: YALE DE CASTRO, s.d., online

A Rocinha surge como um dos principais polos de turismo cultural do Rio de Janeiro, distinguindo-se pela oferta de experiências históricas e pela capacidade de promover impactos sociais e econômicos expressivos (Freire-Medeiros, 2010). Segundo dados divulgados pela rádio CBN (2023), a comunidade recebeu aproximadamente um milhão de visitantes em 2023, provenientes tanto de diferentes regiões do Brasil quanto do exterior, superando, inclusive, o número de visitantes do monumento Cristo Redentor e integrando o ranking oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro entre os destinos turísticos mais procurados da cidade. Atualmente, pelo menos sete agências especializadas atuam na localidade, disponibilizando roteiros personalizados e experiências culturais voltadas à valorização da identidade e da cultura local (Freire-Medeiros, 2007).

Segundo Falcão (2017), o perfil predominante dos turistas é composto majoritariamente por adultos jovens, situados na faixa etária de 25 a 45 anos, em sua maioria pertencentes à classe média emergente. Este público tem demonstrado crescente interesse por vivências imersivas, autênticas e que transmitam a percepção de segurança. Nesse contexto, a utilização de ferramentas tecnológicas tem se mostrado um recurso estratégico para a expansão do turismo de base

comunitária. Um exemplo notável é o aplicativo Na Favela Turismo (Figura 3), que segundo o portal TurisNews, atualmente, o app é voltado apenas para os guias cadastrados, mas, contribui para ampliar a sensação de segurança, fortalece a atração de visitantes e potencializa as oportunidades de atuação para guias locais e microempreendedores.



Figura 3: Interface do APP Na Favela Turismo

Fonte: Imagens retiradas de uma previa no Apple Store

Entre as principais funcionalidades disponibilizadas pela plataforma, destacam-se o cadastro de guias comunitários, o monitoramento de roteiros e a possibilidade de realizar reservas online. Tais recursos, além de enriquecerem a experiência turística, favorecem a geração de emprego e renda para os moradores da comunidade. Em entrevista concedida ao portal *ABC do ABC* (2025), o idealizador do aplicativo, Renan Monteiro, salientou que a segurança dos visitantes constitui prioridade, sendo incorporados mecanismos como GPS e monitoramento em tempo real, em formato semelhante ao utilizado por aplicativos de transporte. Além disso, parte dos lucros obtidos pela iniciativa é reinvestida na própria Rocinha, com foco na capacitação de guias turísticos e na melhoria da infraestrutura local, evidenciando o compromisso do projeto com o desenvolvimento sustentável e inclusivo da região.

Além disso, a nível institucional, destaca-se o lançamento do guia *Descubra a Favela – Um guia para viver as favelas de dentro*, publicado em outubro de 2025 pelo Instituto Aupaba, que reúne experiências turísticas em seis

comunidades da Zona Sul do Rio de Janeiro, dentre elas a Rocinha, e conecta turistas a empreendedores locais com vistas à valorização da economia criativa comunitária (RODRIGUES; COSTA, 2025).

Ao mesmo tempo, permanece uma condição estrutural de vulnerabilidade que atravessa o território: segundo estudo do projeto Rio 60 °C, cerca de 11 mil domicílios da Rocinha encontram-se em áreas de “alto risco” de deslizamentos, dos quais aproximadamente 1.400 em risco “muito alto”, o que aponta para os desafios de infraestrutura, segurança e desenvolvimento integrado que o turismo comunitário deve enfrentar (XAVIER, 2025).

Essas iniciativas indicam que o turismo cultural na Rocinha tem potencial para gerar renda, dar visibilidade à comunidade e valorizar a cultura local. Ao mesmo tempo, ainda existem desafios importantes, como os problemas de infraestrutura, as áreas de risco e a falta de segurança, que afetam tanto os moradores quanto a experiência dos visitantes. Observar essas ações ajuda a entender melhor o que já funciona e o que ainda precisa ser feito para que o turismo na Rocinha seja mais justo, seguro e respeitoso com a realidade do território.

3 Passos metodológicos

3.1. Tipo de pesquisa e coleta de dados

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e possui caráter exploratório. O objetivo central é compreender como o turismo cultural impacta a economia e a dinâmica social da Rocinha, buscando identificar opiniões, desafios e oportunidades para o desenvolvimento de um turismo mais autêntico e participativo na comunidade.

Conforme (Malhotra, 2008), a pesquisa qualitativa é adequada quando o tema ainda está em fase inicial de investigação, pois permite levantar ideias, descobrir significados e compreender fenômenos sociais a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. Assim, ao invés de buscar resultados generalizáveis, este estudo procura explorar e interpretar a realidade vivenciada pelos guias turísticos, moradores e visitantes da Rocinha.

Inicialmente, foram consultadas fontes secundárias para compor a base contextual do estudo. Entre essas fontes, destacam-se artigos acadêmicos, reportagens, sites de turismo e materiais institucionais sobre turismo cultural na Rocinha e em outras favelas cariocas.

Em seguida, realizou-se a coleta de dados primários por meio de entrevistas qualitativas semiestruturadas, com o objetivo de compreender as percepções dos guias turísticos e dos moradores envolvidos ou não com o turismo local.

3.2. Seleção dos entrevistados

Os entrevistados foram selecionados por meio de uma seleção intencional, conforme proposta por (Yin, 2013). Esse método foi escolhido porque permite

selecionar participantes que possuem relação direta com o fenômeno estudado, neste caso, o turismo cultural na Rocinha.

Foram consideradas três categorias principais de entrevistados: guias turísticos, moradores da Rocinha que participam de iniciativas ligadas ao turismo e moradores que não participam de iniciativas ligadas ao turismo. Além disso, utilizou-se o método “bola de neve”, no qual novos participantes foram indicados pelos próprios entrevistados, o que favoreceu o alcance de diferentes perspectivas dentro da comunidade.

Foram selecionados 3 guias locais, 2 pessoas que trabalham com turismo dentro da comunidade e 5 moradores que não atuam e nenhuma iniciativa ligada ao turismo na Favela da Rocinha. A partir disso, foram entrevistados o total de 10 moradores da Rocinha que participam ou não do turismo na comunidade (Tabela 1).

Tabela 1: Perfil dos entrevistados

#	Nome	Sexo	Forma de entrevista	Participa ou não do turismo?	Classificação	Código de identificação
1	TK	M	Online	Sim	Guia	G01
2	GP	F	Online	Sim	Guia	G02
3	RB	M	Online	Sim	Guia	G03
4	CR	M	Presencial	Não	Morador	MN04
5	JR	M	Presencial	Não	Morador	MN05
6	MO	F	Online	Sim	Moradora envolvida com turismo	MP06
7	FM	M	Online	Não	Morador	MN07
8	PH	M	Online	Não	Morador	MN08
9	IB	F	Online	Sim	Moradora envolvida com turismo	MP09
10	GS	F	Online	Não	Moradora	MN10

Fonte: Elaborado pelo autor

3.3 Procedimentos e instrumentos de tratamento e coleta de dados

A coleta de dados foi realizada entre 06 de outubro e 19 de outubro de 2025, por meio de entrevistas individuais de forma presencial ou online. As entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade dos participantes e ocorreram de acordo com as preferências de cada participante.

Para orientar as entrevistas, utilizou-se um roteiro elaborado pelo autor (Apêndice), que iniciava com a coleta de informações sobre as características dos entrevistados e em seguida com questões relacionadas a percepção individual referente ao turismo na Rocinha.

O processo de entrevista começou com a apresentação do entrevistador que explicou o tema abordado e o formato da entrevista. Em seguida, os participantes deram consentimento para gravação da conversa e para a utilização das informações fornecidas exclusivamente para fins de pesquisa. Após isso, os entrevistados compartilharam suas percepções sobre o tema proposto.

Os dados coletados dos entrevistados foram processados em três etapas distintas. Inicialmente, as entrevistas foram gravadas; em seguida, transcritas integralmente; e, por fim, submetidas a uma análise detalhada utilizando o programa NotebookLM. Essa metodologia permitiu uma exploração mais aprofundada das informações obtidas sobre os impactos do turismo na economia e na dinâmica social da Rocinha.

Organizei os dados no NotebookLM de forma estruturada, atribuindo cada pergunta a uma categoria específica, o que facilitou a comparação direta das respostas entre os diferentes participantes. Posteriormente, realizei uma análise minuciosa das entrevistas, examinando cada questão individualmente e destacando os pontos-chave relacionados à experiência dos guias e moradores, aos impactos econômicos, à percepção cultural e às tensões sociais geradas pelo turismo.

Esse processo de análise detalhada resultou em uma visualização mais clara das informações coletadas, permitindo compreender melhor as semelhanças e divergências nas respostas dos entrevistados. Além disso, o uso do NotebookLM

aprimora sua capacidade de realizar análises aprofundadas, possibilitando a comparação das percepções dos participantes com o referencial teórico sobre turismo em comunidades e turismo de base comunitária.

3.4. Limitações do Estudo

A pesquisa qualitativa, embora seja uma ferramenta valiosa para compreender os impactos do turismo na Rocinha, apresenta limitações que devem ser cuidadosamente consideradas. Uma dessas limitações é a possibilidade de os participantes não se sentirem totalmente motivados a responder às perguntas de maneira completa e honesta. Alguns moradores ou guias podem ter se sentido desconfortáveis ao compartilhar informações sobre sua vivência com o turismo na comunidade, o que pode ter levado a respostas incompletas ou menos autênticas.

Como pesquisador, minha escolha pelo tema e pela abordagem adotada foi influenciada pelo interesse pessoal em turismo cultural e desenvolvimento local, o que pode ter direcionado o foco do estudo para determinados aspectos da economia e da dinâmica social da Rocinha. Além disso, decisões metodológicas, como a formulação das perguntas e a análise dos dados no **NotebookLM**, podem refletir essa perspectiva, mesmo que tenha sido buscada a máxima objetividade. A interpretação dos resultados também pode ter sido influenciada pelas minhas crenças e formação acadêmica, limitando a abrangência do estudo em relação a outras abordagens ou interpretações teóricas possíveis.

Outro fator importante é o número limitado de entrevistados, o que pode restringir a representatividade dos resultados. Essa limitação decorreu da indisponibilidade de horários de alguns moradores e guias interessados em participar, considerando o prazo para a realização da pesquisa.

Essas limitações ressaltam a importância de considerar cuidadosamente a seleção e o engajamento dos participantes, assim como de criar um ambiente que incentive a abertura e a honestidade durante as entrevistas, garantindo uma análise mais fiel da realidade do turismo na Rocinha.

3.5. Ferramentas Digitais e de Inteligência Artificial Aplicadas à Pesquisa

Além das técnicas tradicionais de coleta e análise qualitativa, este trabalho contou com o apoio de ferramentas digitais baseadas em inteligência artificial. Para a transcrição das entrevistas, utilizou-se o aplicativo **Turboscribe**, que facilitou a conversão de áudio em texto de forma rápida e eficiente. Na etapa de organização e análise dos dados qualitativos, foi empregado o **Notebook LM**, uma plataforma que auxilia na leitura e síntese de informações com base em linguagem natural. Para o aprimoramento da redação e revisão do texto final, foi utilizada a versão gratuita do **ChatGPT**, com foco na clareza, coesão e correção gramatical. O uso dessas ferramentas buscou otimizar o processo de produção do trabalho, sem substituir a análise crítica e autoral.

4 Análise dos resultados

4.1. A perspectiva dos guias

4.1.1. Formação e Profissionalização

A preparação para atuar como guia na Rocinha segue trajetórias diversas, que vão da educação formal ao aprendizado na prática. De um lado, há a formação técnica, como a cursada pelo G01 na escola SEAD, descrita como "extremamente prática" e com uma "pedagogia incrível". Do outro, muitos guias, como G02, iniciam sua jornada através do aprendizado prático, auxiliando outros profissionais e aproveitando habilidades pré-existentes, como o domínio de um segundo idioma. Esta variedade na formação pode ser a raiz das críticas dos moradores. A demanda por maior qualificação é, portanto, um ponto de atenção. Tanto o G03 quanto o G02 ressaltam a importância de cursos para aprimoramento contínuo, com o G03 destacando a necessidade de "cursos com valores baixos" proporcionados pelo poder público para garantir o acesso e a profissionalização do setor.

Eu fiz a escola técnica SEAD. O curso é extremamente prático. Eu não escolheria, e não digo outra escola, outra escola técnica que não seja essa. (G01).

Primeiro eu comecei como auxiliar de guia, e nessa eu ia auxiliando todo o povo durante o trajeto. E há um tempo atrás agora, o mirante veio proporcionando cursos e profissionalização para as pessoas, e aí eu consegui pegar minha carteirinha de guia e hoje em dia também eu estou num curso no Senac onde faz ter uma patente também como guia. (G03).

Então, me preparei porque desde quando eu era adolescente, desde 2015, eu fiz o curso de inglês, no Cultura Inglesa, e o meu primo, que já era guia da Rocinha, se não me engano, desde 2014, era um dos antigos do turismo, ele sabia que eu falava inglês, então, de vez em quando, ele pedia ajuda por eu falar um outro idioma. Então, no dia a dia, eu fui aprendendo sobre como guiar e etc. Em questões de curso, somente esse

ano que eu estou tendo a oportunidade de entrar para fazer o cadastro, e etc. (G02).

Essa necessidade de formação e atualização contínua reflete o que Santos (2001) destaca sobre o turismo cultural como prática de valorização do patrimônio e da identidade coletiva, em que o conhecimento e a formação se tornam instrumentos de preservação simbólica e desenvolvimento social. Da mesma forma, reforça a visão de Morrison (2011) sobre a importância do capital humano na hospitalidade, pois é por meio da qualificação dos guias que se constrói uma experiência turística mais autêntica, ética e sustentável.

4.1.2. Impacto Econômico

O turismo traz diversos benefícios econômicos para a Rocinha, movimentando a economia local e criando oportunidades de renda para os moradores. A presença de visitantes estimula o consumo em comércios e serviços locais, como mototáxis e restaurantes, especialmente na Via Ápia, onde a gastronomia caseira e acessível é valorizada pelos turistas. A atividade também incentiva o empreendedorismo e oferece ascensão financeira por meio do trabalho de guias turísticos, muitos deles moradores que encontram nessa profissão uma fonte de renda mais vantajosa, sobretudo quando dominam outros idiomas. Além disso, há esforços para que parte dos lucros retorne à Rocinha, seja por meio de projetos sociais, reparos em infraestruturas ou ações solidárias, como doação de cestas básicas e eventos comunitários. O turismo também exerce um papel indireto de pressão sobre o poder público, ao aumentar a visibilidade da favela e estimular investimentos governamentais em áreas como limpeza urbana, infraestrutura e educação.

Querendo ou não, o capital gira, né? O turista pagando mototáxi está incentivando a cultura, o comércio local, quando ele come lá embaixo, na Via Ápia, está incentivando, quando ele vai nas lajes, está incentivando. (G02).

E também esse aplicativo do Na Favela Turismo vem vendendo formas também de ajudar a comunidade, né? Em questões de projetos sociais em saneamento básico até não tão pesado, mas o simples assim que é reparar escadas é fazer reparos em quadras, entendeu? Então querendo ou não gerar uma ajuda né? (G03).

Esse processo ilustra o que Santos (2001) define como a valorização do espaço pela atividade turística, ao mesmo tempo em que confirma a observação de Freire-Medeiros (2009) sobre o duplo caráter do turismo de favela, gerador de oportunidades econômicas e de disputas narrativas sobre quem se beneficia delas.

4.1.3. A Construção do Roteiro e da Experiência Turística

A análise dos roteiros turísticos mostra que cada guia tem uma forma própria de conduzir os passeios e de se relacionar com os visitantes. Alguns guias buscam criar uma experiência mais emocionante, que envolva o turista e desperte sentimentos, enquanto outros preferem mostrar o cotidiano da comunidade de forma mais simples e real, valorizando o contato direto com os moradores e os projetos locais.

O G01 segue o primeiro estilo. Ele chama o seu roteiro de “roteiro magnético”, pensado para causar impacto emocional e contar histórias marcantes, como a de Dona Mariquinha na Rua 1. Ele também adapta o passeio de acordo com o público: evita levar brasileiros à roda de capoeira, já que, segundo ele, esse público não tem o costume de dar gorjeta, o que é uma fonte importante de renda para o grupo. Já com estrangeiros, ele inclui a capoeira no roteiro, pois sabe que eles valorizam e contribuem financeiramente com essa experiência.

Eu criei meu roteiro magnético.

Aquele que a pessoa cria uma sensação incrível. Então, eu não vou em lajes muito turísticas. Eu não vou no Novo Visual.

Com brasileiro eu não vou na capoeira porque eles lá têm uma cultura de tip, que é gorjeta. Então, assim, o brasileiro não tem a cultura de tip. Então, não compensa. Vai chegar lá, ele já conhece a capoeira. Vai bater palma e não vai dar nada. Agora, com gringo eu já vou, porque eu sei que eles têm a cultura da gorjeta e ali vive disso.

(G01)

O G02 propõe algo diferente. Seu tour é feito a pé e busca mostrar “o dia a dia do morador”, passando por lajes, becos e projetos culturais, para que o turista

tenha uma vivência mais próxima da realidade local. Ele explica que gosta de mostrar o contraste entre a vista da Zona Sul e a vida dentro da favela.

Olha, a grande maioria começa ali no laborioux, na vista, no visual. Aí o roteiro é a gente mostrando que, da favela, a gente consegue ver um contraste social muito forte da zona sul ali, que pega a Lagoa, a Baía de Guanabara e etc.

Com o contraste da favela, a gente vai descendo pelo menos no meu tour, a gente vai descendo a pé, com uma experiência um pouco mais imersiva para o turista saber o dia a dia do morador, de quem mora ali, a gente passa nas lajes que ficam ali na Rua 1, para o turista ver dentro da favela como é que funciona, e acaba que passa pelos becos e acaba vendo a nossa realidade, que você já sabe qual é. Mas aí a gente vai descendo, a gente passa também pelos projetos culturais, que é, por exemplo, capoeira, o Wark quando está aberto, o castelinho quando tem um grupo que o pessoal, os turistas amam futebol, então ali às vezes é uma oportunidade deles jogarem com as crianças ou não, entendeu? Aí a gente vai descendo até a Via Ápia, que é a nossa área comercial ali para a gente mostrar, e assim a gente vai fazendo, guiando o tour. (G02).

De forma parecida, o G03 organiza um percurso que mistura paisagens e projetos sociais. Ele começa pela capoeira, passa por pontos com vistas panorâmicas, como a laje Porta do Céu, e segue por ruas onde acontecem atividades esportivas com crianças e jovens.

Meus principais pontos visitados aqui na favela são eu começo diretamente na capoeira né lá no Laboriaux depois eu desço sentido Cesário ali na rua um onde eu paro na laje Porta do Céu que tem um dos visuais mais tops aqui da comunidade depois eu saio de lá da porta do céu sentido entrada da rua um desço no Atalho passo no campinho da Paula Brito onde tem uma quadra de futebol onde tem um projeto de basquete e crianças ficam jogando bola e os turistas também gostam de esporte e participam até das atividades depois eu desço a Paula Brito e entro na rua nova. Aí desço a rua nova passo pelo Boiadeiro pelo Boiadeiro eu viro ali na travessa da igreja saiu na Via Ápia e da Via Ápia a gente vai sentido ao metrô onde a gente finaliza. (G03).

A curadoria e a narrativa dos guias se aproximam do que Freire-Medeiros (2009) descreve como a “performance da favela”, em que o guia atua como mediador entre a vivência local e a expectativa do turista. Esse processo também evidencia a concepção de Laraia (2006), segundo a qual a cultura é constantemente reinterpretada e reconstruída nas interações sociais.

4.2. Perspectiva dos Moradores

Os moradores são os anfitriões, voluntários ou não, da atividade turística que se desenrola em seu território. Analisar a percepção de quem vive diariamente os seus impactos é estratégico para avaliar a sustentabilidade social do modelo atual e identificar pontos críticos de atrito e oportunidade.

4.2.1. Impactos Econômicos e Sociais no Dia a Dia

A percepção dos moradores sobre os impactos do turismo é dividida. Por um lado, há um consenso sobre os benefícios para a microeconomia local. Entrevistados como MP06, MP09, MN04 e MN05 reconhecem que o turismo gera uma fonte de renda direta para mototaxistas, artesãos, donos de restaurantes e proprietários de lajes. Por outro lado, essa visão é confrontada pela percepção de que os lucros não se convertem em melhorias de bens públicos coletivos. O MN07 descreve o turismo como um fluxo "desenfreado" que agrava o congestionamento e aponta a dissonância entre receber turistas e a permanência de problemas como o "esgoto a céu aberto", afirmando categoricamente: "sinto que nenhum dinheiro do turismo [...] retorna pra comunidade".

Acho que hoje eu não só conheço uma pessoa conhece muitas pessoas se beneficiando diretamente dessa economia de turismo em vários setores a gente já vai falar da economia dos pequenos espaços né que são as lajes hoje economicamente é uma potência muito boa se vê transformações de família por trás usando a sua própria laje como moeda de verba e pequenas lanchonete pequenas atividades, artesãos se beneficiando sem falar do guia né do guia local hoje um setor cresce cada vez mais e não é somente crescimento mais um crescimento de desenvolvimento Do moto tour né que antes antes era a moto só servia pra subir até um ponto agora hoje são pagos passeios para esse deslocamento dentro das comunidades. (MP09).

muita gente está se beneficiando economicamente por turista com o turismo, no caso o mototáxi, os monitores nas ruas né do aplicativo os guias, as Lajes, as

lanchonetes, os mercadinhos também as padarias, muita coisa e projetos também de capoeira. (MP06).

Eu acho que o turismo na Rocinha segue de uma forma desenfreada e o que acontece? Eh os becos da Rocinha eles são muito apertados, muito apertados mesmo. Então é muito intenso o fluxo de moradores que é já é grande, é de moradores, de crianças, de trabalhadores com os turistas, o turista. Eu moro numa parte que se chama Rua Um, mais precisamente ali no Cesário, e é todo dia tem turista então quer dizer é um fluxo muito grande e também tem um problema da infraestrutura do lugar que não ajuda em nada, e na verdade só piora né com o tempo e a gente recebe os gringos mas é com esgoto a céu aberto com gente passando fome na rua mesmo também e eu sinto que nenhum dinheiro do turismo que provavelmente é muito grande retorna pra comunidade sabe? Não tem um projeto que ajude as pessoas, sabe? (MN07).

As percepções dos moradores refletem a análise de Santos (2001), segundo a qual o turismo pode reforçar desigualdades quando não há redistribuição dos ganhos. Falcão (2017) também aponta que a ausência de planejamento comunitário leva à sensação de exclusão e à concentração dos benefícios econômicos em poucos agentes.

4.2.2. O "Olhar do Turista": Respeito, Privacidade e o "Tourist Gaze"

A interação entre turistas e moradores é um ponto central de tensão, frequentemente analisado pelo conceito de *tourist gaze* (o olhar do turista), que pode objetivar as populações locais. O MN07 expressa o desconforto de se sentir como "um bicho" ao ver turistas transitando pela comunidade nos "carros de safári", uma manifestação dessa objetificação. O MN10 possui o mesmo sentimento, criticando turistas que tiram fotos sem permissão "como se a gente fosse parte do cenário". O MP06 adiciona complexidade ao notar que o comportamento do turista é moldado pela postura do guia, que tem a responsabilidade de mitigar os impactos negativos desse olhar.

Nem sempre, alguns respeitam, outros agem como se a gente tivesse em um zoológico, sabe? Ficam tirando foto sem permissão, como se a gente fosse parte do cenário e isso é bem chato. (MN10).

o guia explica sobre acessibilidade de alguns lugares mas também sobre a privacidade dos moradores às vezes turistas querem tirar foto de criança e tal sendo que não é favela não é terra de ninguém sabe essa criança tem mãe tem pai essa criança tem que ser protegida pela gente então tipo quando se trata desse respeitar o espaço é a grande maioria entende respeito assim mas tem poucos que querem gravar querem tirar foto e não pensam tipo nessas questões será que o morador está à vontade de você tá tá gravando a cara dele. (MP06).

Quando o turista anda pela Rocinha com aqueles carros de safári eu acho um desrespeito enorme, me sinto um bicho. (MN07).

Esse desconforto confirma o que Freire-Medeiros (2009) identifica como o “*turismo do olhar*”, em que a favela é transformada em espetáculo visual e o morador em objeto de contemplação, reforçando a desigualdade simbólica entre observador e observado.

4.2.3. Autenticidade Cultural vs. Espetáculo da Pobreza

A forma como a cultura local é apresentada aos turistas é um ponto que gera bastante discussão entre os moradores. O MP06, por exemplo, conta que criou um “catálogo de experiências” para ajudar os guias a contarem melhor as histórias da Rocinha. Ele reconhece que existem “profissionais incríveis”, mas também critica que muitos “não sabem contar a história” e que alguns poucos acabam explorando o lado sensacionalista do perigo. Já o MN07 tem uma visão ainda mais crítica. Para ele, a representação da cultura é “extremamente fraca” e o que atrai os visitantes é, na verdade, a curiosidade sobre a pobreza: “Vem mais pra ver pobreza mesmo [...] querem se chocar, né? Com a realidade”. Essas falas mostram um incômodo real dos moradores com a forma como a favela é mostrada, levantando dúvidas sobre a relação entre o turismo e o respeito à dignidade da comunidade. Essa diferença entre o que é vendido como produto turístico e o que é vivido por quem mora na Rocinha ajuda a entender melhor os conflitos que existem nesse tipo de atividade.

Eu acho que sim tem uma representação sim principalmente no Cesário só que é muito fraco é extremamente fraco. O gringo, a pessoa que vem fazer o turismo aqui na Rocinha, vem na minha sinceridade vem mais pra ver pobreza mesmo, entende? Eles não estão muito à procura de cultura, eles querem ver, querem se chocar, né? Com a realidade. (MN07).

vai fazer seis meses que eu estou no aplicativo e o primeiro projeto que eu toquei no na favela turismo, é criar um catálogo de experiências, sabe, e aí eu mapeei onde seus pontos de experiência histórico cultural que estão nessas rotas do turismo aqui na Rocinha, e comecei a colocar informações pros guias, assim, de funcionamento, logística, de como chegar e responsável, mas, principalmente uma parte de descrição, história daquele local, daquele ponto, por quê como muitas pessoas estão trabalhando com turismo fazendo guiaamento né, vendendo esse serviço só que não sabe contar a história, não sabe explicar o porquê de algumas coisas. Então, eu vi essa deficiência que a nossa cultura, a nossa história, não estava sendo bem contada às vezes a pessoa não falava nada sabe, só estava levando as pessoas nos lugares, e eu criei esse catálogo pra tentar ajudar os guias. (MP06).

Essa disputa entre a autenticidade cultural e o sensacionalismo turístico reflete a crítica de Freire-Medeiros (2009) sobre a transformação da favela em produto exótico, em contraste com o conceito de patrimônio imaterial defendido pelo IPHAN (2025) e a visão de Laraia (2006), que entende a cultura como uma construção viva e participativa, não um espetáculo.

Uma das principais tensões apontadas na pesquisa está na diferença entre a vida real dos moradores e o que é mostrado como produto turístico. Enquanto guias como os G01 e G02 relatam que buscam criar roteiros bem construídos e com responsabilidade ética, moradores como o MN07 sentem que muitas vezes o que se vende para os visitantes é o “sensacionalismo” ou um “espetáculo da pobreza”. Essa forma de apresentar a Rocinha, segundo ele, ignora a dignidade e a riqueza cultural da comunidade. Essa contradição revela um dos maiores desafios do turismo em favelas: para atrair o interesse dos turistas, algumas experiências acabam simplificando a realidade, deixando de lado a complexidade da vida local. Essa distância entre o que se vive e o que se vende aponta para a necessidade de pensar estratégias que ajudem a tornar o turismo mais verdadeiro e respeitoso com a comunidade.

5 Conclusões e contribuições do estudo

A presente pesquisa buscou responder à seguinte pergunta: *Como o turismo local impacta a economia e a dinâmica social da Rocinha?* Com base em entrevistas realizadas com moradores e guias locais, o estudo analisou diferentes opiniões sobre os efeitos econômicos, sociais e culturais da atividade turística, buscando compreender de que maneira o turismo pode contribuir para a valorização do território e o fortalecimento do protagonismo comunitário.

Os resultados indicam que o turismo na Rocinha desempenha papel relevante na geração de renda e na dinamização da economia local. Diversos moradores encontraram no turismo uma oportunidade de trabalho e ascensão financeira, seja como guias, comerciantes, produtores culturais ou prestadores de serviços. Essa circulação de capital dentro da comunidade fortalece pequenos empreendimentos e estimula o senso de pertencimento e de autonomia econômica entre os residentes.

Além dos impactos financeiros, observou-se que o turismo também influencia a construção da identidade coletiva e a valorização da cultura local. As trocas culturais entre visitantes e moradores têm promovido o reconhecimento das potencialidades da Rocinha, permitindo que os próprios residentes ressignifiquem sua imagem diante de um estigma social historicamente associado à favela. Assim, o turismo se mostra como um instrumento de empoderamento, capaz de fortalecer narrativas positivas e promover o diálogo entre diferentes realidades.

Contudo, a pesquisa também revelou desafios. A falta de infraestrutura adequada, a necessidade de capacitação profissional e o risco de uma exploração turística descontextualizada ainda se configuram como obstáculos à consolidação de um modelo de turismo verdadeiramente respeitoso e inclusivo. Esses aspectos reforçam a importância de políticas públicas e iniciativas comunitárias que priorizem o protagonismo local e o respeito à cultura e ao território.

Em termos de contribuição, este estudo oferece uma reflexão sobre o papel do turismo como ferramenta de desenvolvimento social e econômico em territórios de favelas. Ao destacar as percepções e vivências dos próprios moradores, a pesquisa contribui para uma compreensão mais sensível e autêntica da Rocinha, rompendo com visões estereotipadas e apontando caminhos para práticas turísticas mais éticas e participativas.

Por fim, este trabalho reforça a importância de enxergar o turismo não apenas como atividade econômica, mas como processo social e cultural que envolve diálogo, respeito e reconhecimento. A Rocinha, nesse sentido, emerge como exemplo de resistência, criatividade e potencial transformador, mostrando que o turismo, quando construído de forma coletiva e consciente, pode se tornar uma ponte entre mundos distintos, um espaço de encontro, aprendizado e valorização da diversidade humana.

5.1. Recomendações para práticas mais colaborativas

A aplicação prática desta análise exige ações coordenadas que transformem os desafios identificados em oportunidades. As recomendações a seguir visam promover um modelo de turismo na Rocinha que seja não apenas economicamente viável, mas também socialmente justo e culturalmente respeitoso.

Enriquecimento e Diversificação dos Roteiros Culturais:

Com base nas críticas sobre a superficialidade de alguns roteiros, recomenda-se a criação de roteiros temáticos que explorem ativos culturais pouco visitados. Isso inclui explicitamente: a gastronomia local, com foco na culinária nordestina (sugestão do entrevistado 2); a inclusão de espaços de produção intelectual e artística, como a biblioteca C4 e a Orquestra Sinfônica da Rocinha (sugestão do entrevistado 7); e roteiros que explorem a rica história do funk na comunidade (sugestão do entrevistado 6). Cabe ainda pesquisas mais aprofundadas para mapeamento de aspectos culturais que possam ser integrados

aos roteiros turísticos, como por exemplo: O passinho do Funk, samba e arte de rua.

Fortalecimento da Governança e do Benefício Coletivo

Para abordar a crítica de que os benefícios financeiros não retornam coletivamente, propõe-se a criação de mecanismos de governança mais transparentes. Uma sugestão concreta é o fortalecimento de iniciativas como o aplicativo "Na Favela Turismo", expandindo seu papel. Conforme mencionado pelo entrevistado 3, a plataforma já se envolve em "reparar escadas" e "reparos em quadras". Este modelo pode ser ampliado para gerir um fundo comunitário, financiado por uma taxa sobre os tours, cujos recursos seriam investidos em projetos sociais e de infraestrutura decididos em consulta aberta com os moradores, aumentando ainda uma percepção maior de retorno por parte dos moradores.

Qualificação e Certificação de Guias Locais

Para combater a desinformação e o sensacionalismo criticados pelo entrevistado 6, recomenda-se a implementação de um programa de formação e certificação padronizado para guias. Desenvolvido em parceria com especialistas e lideranças comunitárias, o programa deveria abordar: (1) História e a cultura local, para garantir a precisão da narrativa; (2) Ética do turismo em comunidade, com diretrizes claras sobre respeito e privacidade; e (3) Técnicas de narrativa, para capacitar os guias a contar a história da Rocinha de forma envolvente e digna.

5.2. Recomendações para Estudos Futuros

Considerando as limitações identificadas ao longo desta pesquisa, recomenda-se que estudos futuros aprofundem a análise sobre o papel das políticas públicas

no fortalecimento do turismo cultural na Rocinha, observando especialmente como as parcerias entre poder público, universidades e associações locais podem contribuir para o desenvolvimento sustentável da atividade.

Sugere-se também a ampliação do escopo de análise para incluir perspectivas externas, ou seja, de pessoas que já visitaram a Rocinha e de potenciais turistas que demonstram interesse em conhecer a comunidade. Essa abordagem comparativa pode oferecer uma visão mais abrangente sobre a experiência turística e sobre as percepções externas relacionadas à imagem da Rocinha como destino de turismo, identificando fatores que motivam ou inibem essas visitas.

Além disso, seria pertinente investigar de forma mais ampla os impactos socioculturais do turismo na formação da identidade dos moradores e na preservação das tradições locais, bem como compreender como as novas tecnologias e as redes sociais influenciam a promoção da Rocinha como destino turístico.

Outra vertente relevante para futuras pesquisas diz respeito à análise comparativa entre a Rocinha e outras comunidades que também adotam o modelo de turismo comunitário, a fim de identificar boas práticas, desafios comuns e estratégias eficazes de gestão participativa.

Tais estudos podem aprofundar o entendimento sobre o turismo de favela como um fenômeno multifacetado e em constante transformação, contribuindo para a formulação de políticas e práticas mais inclusivas e culturalmente respeitosas.

6 Referências

ABC DO ABC. Turismo na Rocinha. *ABC do ABC*, 10 fev. 2025. Disponível em: <https://abcturismo.com.br/turismo-na-rocinha/>. Acesso em: 24 set. 2025.

ANF – AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS. Disponível em: <https://anf.org.br/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ANF. “RioSocial realiza I Congresso de Turismo Comunitário na Rocinha”. Agência de Notícias das Favelas, Disponível em: https://www.anf.org.br/riosocial-realiza-i-congresso-de-turismo-comunitario-na-rocinha/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 11 nov. 2025.

BENINI, Sandra Medina. Projetos e intervenções na cidade contemporânea. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Rocinha-vermelho-e-bairros-do-entorno-destacando-setor-estudado-AI-2_fig7_350463970. Acesso em: 23 set. 2025.

CBN. Rocinha e Vidigal são mais visitadas por turistas do que Cristo Redentor no Rio de Janeiro. *CBN*, 30 mar. 2024. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/434386/rocinha-e-vidigal-sao-mais-visitadas-por-turistas-.htm>. Acesso em: 24 set. 2025.

DIÁRIO DO RIO. Quem ama o Rio lê. Disponível em: <https://diariodorio.com/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FALCÃO, Roberto Pessoa de Queiroz. Análise do perfil psicográfico de turistas da classe média emergente na Comunidade da Rocinha, Rio de Janeiro, RJ. *Dialnet*, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6263943>. Acesso em: 24 set. 2025.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Entre tapas e beijos: a favela turística na perspectiva de ... *SciELO*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/SJjfdpyZr5SzRyytpvwHnK/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2025.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *RBCSoc*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcso/a/CN48WqwT3pmRD5XhtYGD7Lf/?lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2025.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. W. Turismo: princípios, práticas, filosofias. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GUIAVIAGENS.COM.BR. Disponível em: <https://www.guiaviagens.com.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

IDEIA INTELIGENTE. Disponível em: <https://www.ideainteligente.com.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2022: Brasil tinha 16,4 milhões de pessoas morando em favelas e comunidades urbanas. Agência de Notícias IBGE, 23 maio 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas-morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas>. Acesso em: 11 nov. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Patrimônio Cultural Imaterial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 23 set. 2025.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MALHOTRA, Naresh K. Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

MORRISON, Alastair M. Marketing de hospitalidade e turismo. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PORANDUBA AMAZÔNIA. Disponível em: <https://www.poranduba-amazonia.com>. Acesso em: 27 jun. 2025.

REVISTA ANA MARIA. Descubra a Rocinha: sua cultura, história e belezas naturais. Disponível em: <https://revistaanamaria.com.br/cidades/descubra-a-rocinha-sua-cultura-historia-e-belezas-naturais/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

RODRIGUES, Alice. Guia conecta turistas a empreendedorismo nas favelas do Rio. *Agência Brasil*, 05 out. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-10/guia-conecta-turistas-empreendedorismo-nas-favelas-do-rio>. Acesso em: 20 out. 2025.

SANTOS, Milton M. Turismo cultural: uma reflexão sobre patrimônio e identidade. São Paulo: Aleph, 2001.

TERRA. Disponível em: <https://www.terra.com.br>. Acesso em: 27 jun. 2025.

TURISNEWS. Novo aplicativo de turismo revoluciona passeios na Rocinha e no Vidigal. *TurisNews*, 11 abr. 2025. Disponível em: <https://turisnews.com.br/novo-aplicativo-de-turismo-revoluciona-passeios-na-rocinha-e-no-vidigal/>. Acesso em: 24 set. 2025.

XAVIER, Larissa. Rocinha concentra o maior número de imóveis com risco de desabamento no Rio. *Voz das Comunidades*, 04 abr. 2025. Disponível em: <https://vozdascomunidades.com.br/favelas/rocinha-concentra-o-maior-numero-de-imoveis-com-risco-de-desabamento-no-rio/>. Acesso em: 20 out. 2025.

YALE DE CASTRO, Luis. Favela da Rocinha anos 60. *Pinterest*, [s.d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/11751649013632074/>. Acesso em: 23 set. 2025.

YIN, Robert K. Pesquisa qualitativa: do começo ao fim. Porto Alegre: Penso, 2013.

7. Apêndice

Antes de fazer a entrevista, se apresentar. Dizer que está fazendo um trabalho de pesquisa para a universidade. Que a identidade dos entrevistados será preservada. Pedir autorização para gravar. Gravar as entrevistas.

ROTEIRO 1 — Guias turísticos atuantes na Rocinha

Objetivo: Compreender a estrutura atual dos roteiros, os desafios da atividade e o potencial percebido de melhorias.

Bloco 1: Perfil

Obs: Verificar antes se é morador da Rocinha e se não for, qual a relação com a comunidade.

- Qual é seu nome e há quanto tempo trabalha como guia na Rocinha?
- Como se preparou para ser guia?
- Considera o treinamento suficiente? Como poderia melhorar?

Bloco 2: Estrutura dos roteiros

- Quais são os principais pontos visitados nos roteiros atuais?
- Quem decide o roteiro?
- Os roteiros incluem experiências culturais? Quais?

Bloco 3: Desafios e oportunidades

- Que tipo de turista costuma visitar a Rocinha?
- Quais os principais desafios para trabalhar com turismo aqui?
- Há espaços ou iniciativas culturais que você acredita que deveriam estar nos roteiros e ainda não estão?

Bloco 4: Sustentabilidade e cultura

- Você sente que o turismo atual beneficia a comunidade como um todo?
- Como o turismo poderia ser mais justo para os moradores?
- Se você pudesse criar um roteiro ideal, o que ele incluiria?

ROTEIRO 2 — Moradores da Rocinha (não guias)

Objetivo: Compreender a percepção da população local sobre o turismo na comunidade, impactos vivenciados e sugestões.

Bloco 1: Identificação

- Qual é o seu nome e há quanto tempo você mora na Rocinha?
- Participe de alguma iniciativa ligada ao turismo?
- Já teve alguma experiência com turistas?
-

Bloco 2: Percepções sobre o turismo

- O que você acha do turismo na Rocinha?
- Os turistas respeitam a cultura e o espaço dos moradores?
- A comunidade é consultada ou participa das decisões sobre os roteiros?

Bloco 3: Impactos percebidos

- O turismo trouxe alguma mudança para o seu cotidiano?
- Você conhece alguém que se beneficia economicamente dessa atividade?
- Acha que a cultura local é bem representada nos roteiros turísticos?

Bloco 4: Participação e futuro

- Você teria interesse em participar de roteiros de alguma forma? Como?
- O que você gostaria que os turistas aprendessem sobre a Rocinha?